



M

CCB

9 NOV 25

**DANÇAS SINFÓNICAS  
DE WEST SIDE STORY**  
ORQUESTRA SINFÓNICA  
METROPOLITANA

ARTES  
PERFORMATIVAS

Temporada  
2025/2026

Grande Auditório  
Dom, 17h00  
+6  
Duração aproximada: 80 min

### Programa

#### **George Gershwin (1898–1937)**

Suíte da ópera *Porgy and Bess* (Catfish Row) (1935–1936)

- I. *Catfish Row*
- II. *Porgy Sings*
- III. *Fugue*
- IV. *Hurricane*
- V. *Good Mornin' Sistuh!*

#### **Pedro Moreira (n. 1969)**

*Time And Again* (obra em estreia / encomenda CCB)

#### **Artie Shaw (1910–2004)**

Concerto para Clarinete (1940)

#### **Leonard Bernstein (1918–1990)**

*Danças Sinfónicas (West Side Story)* (1957; 1960)

- I. *Prólogo (Allegro moderato)*
- II. *Somewhere (Adagio)*
- III. *Scherzo (Vivace e leggiere)*
- IV. *Mambo (Presto)*
- V. *Cha-Cha (Andantino com grazia)*
- VI. *Meeting Scene (Meno mosso)*
- VII. *Cool (Allegretto)*
- VIII. *Rumble (Molto allegro)*
- IX. *Finale (Adagio)*

Clarinete **Nuno Silva**

Maestro **Christian Vásquez**

**Orquestra Sinfónica Metropolitana**

## CATFISH ROW

A suíte orquestral *Catfish Row* reúne alguns dos excertos musicais mais conhecidos de *Porgy and Bess*, ópera que George Gershwin fez estreiar em 1935. A adaptação foi feita pelo próprio compositor com o objetivo de promover o projeto e angariar apoio para reposições seguintes do espetáculo. Enquanto peça de concerto, resultou numa obra que se afirma autonomamente. Divide-se em cinco partes que, por um lado, depuram o contraste entre tragédia e esperança presente no libreto e, por outro, sintetizam a confluência de sonoridades tão distintas quanto a sofisticação da tradição musical europeia e os estilos musicais afro-americanos que floresciam na época. Sobressaem as melodias *Summertime*, *I Loves You, Porgy* e *It Ain't Necessarily So*.

Catfish Row é o cenário da ópera *Porgy and Bess*. Retrata indisfarçadamente Cabbage Row, um prédio de três andares que realmente existe na zona portuária de Charleston (Carolina do Sul, EUA). Aí vivia uma comunidade negra cuja realidade inspirou o romance homónimo de DuBose Heyward, publicado em 1925. O enredo, que se desenvolve em torno da personagem de um mendigo com deficiência física (Porgy), enquadra a luta pela sobrevivência e os sonhos de vidas marginalizadas representativas de tantas outras por esse mundo fora. O motor da ação é o amor que Porgy sente por Bess, uma mulher dependente de cocaína e vítima de violência conjugal, mas capaz de sonhar e abraçar as causas dos outros.

A ópera estreou a 30 de setembro de 1935 no Colonial Theatre de Boston. Quando várias das suas canções já faziam sucesso nas rádios, Gershwin preparou esta suíte e juntou-a ao programa dos concertos que apresentou nos meses seguintes nas cidades de Philadelphia, Washington, Chicago, São Francisco, Detroit e St. Louis. Gershwin faleceria em julho de 1937, com apenas 38 anos de idade, vítima de um tumor cerebral. A partitura permaneceu disponível no circuito de músicos que consigo a tocaram – mas não foi editada nem gravada. Tudo indica que tenham subestimado a sua importância (talvez por acharem ser um mero cartão de visita para promoção da versão cénica). Permaneceu, assim, um exemplar guardado no espólio pessoal do compositor até ser «descoberto» pelo seu irmão, Ira Gershwin, duas décadas mais tarde. Enquanto isto, o compositor e arranjador Robert Russell Bennett realizou, em 1943, uma outra suíte da mesma ópera intitulada *Symphonic Picture* – esta é, ainda hoje, a versão mais vezes tocada. Ira Gershwin optou por atribuir ao arranjo do irmão o título *Catfish Row*, a fim de evitar equívocos.

A suíte de Bennett destina-se a uma orquestra de dimensão sinfônica, sem piano. Gershwin, porém, havia orquestrado originalmente para nove músicos nos sopros madeiras, outros nove nos metais, mais tímpanos, percussões, piano, banjo e cordas. Acontecera ainda que, nas primeiras produções, realizadas em Boston e em Nova Iorque, os efetivos haviam sido reduzidos, pelo que ficaram «de fora» algumas partes orquestrais respeitantes ao início e final de várias cenas, para lá de transições que comprometiam a fluência narrativa. Gershwin recuperou na suíte esses materiais e dispensou os saxofones, que eram presença assídua nos teatros musicais da época.

Tudo começa com a introdução orquestral do espetáculo e o início do primeiro ato até ao surgimento da canção *Summertime*. As partes originalmente cantadas pelo coro foram substituídas pelas cordas. Acrescentou ainda uma breve referência à Fuga numa configuração que não se ouve na ópera. A segunda peça, *Porgy Sings*, corresponde ao início do segundo ato e integra as canções *I Got Plenty o' Nuttin'* e *Bess, You Is My Woman Now*. De seguida, ouve-se a Fuga, desta vez conforme no início do terceiro ato, na cena da luta em que Porgy mata Crown (companheiro de Bess) – esta é a única divergência em relação à ordem do libreto. A quarta peça provém da terceira cena do segundo ato, aquando do momento da tempestade. Já o final da suíte começa com a cena de abertura do segundo ato – *Occupational Humoresque* – que ilustra as atividades dos moradores de Catfish Row. Seguem-se *Sure to go to Heaven*, o espiritual entoado durante o funeral de Robbins e que expressa o luto da comunidade, e *Oh Lawd, I'm On My Way*, o solo de despedida de Porgy, quando decide partir em busca de Bess. Encerra, assim, com uma nota de esperança.

## ARTIE SHAW

O período áureo da rádio coincidiu, nos Estados Unidos da América, com o auge da popularidade das *big bands* e do *swing*. Os líderes destas bandas eram verdadeiras estrelas mediáticas, entre elas o clarinetista Artie Shaw. De tal modo que, em 1940, apresentou-se como ator na interpretação de si mesmo no filme *Second Chorus* (título traduzido em Portugal como *O Par Ideal*). Em registo de comédia, o elenco incluía ainda Paulette Goddard, Burgess Meredith e Fred Astaire – estes dois últimos nos papéis de trompetistas que disputam entre si um lugar na banda de Shaw. Já perto do final, o próprio Shaw apresenta-se à frente da orquestra para tocar virtuosisticamente. O filme foi um fracasso de bilheteira, mas esses três minutos estiveram na origem do *Concerto para Clarinete* que hoje conhecemos.

Nas décadas de 1930 e 1940, houve nos EUA uma geração de músicos que encontrou no *swing* um trampolim para o sucesso. Os padrões rítmicos do *ragtime* expandiam-se num padrão mais dançável em que os sopros metais sincopavam sobre a marcação do tempo. Por vezes, tudo se precipitava numa inquietação que apontava caminho ao *bebop*. Artie Shaw – também clarinetista exímio, à semelhança de Benny Goodman – foi um dos mais destacados protagonistas desse fenómeno. Ouvia-se permanentemente na rádio, vendia muitos discos e, em 1930, foi inclusivamente considerado o «Rei do Swing» pelos leitores da influente revista *DownBeat*. Não se satisfazia, porém, com a conotação de entretenimento associada ao género. Também rejeitava os preconceitos que distinguiram «alta» e «baixa» cultura – a primeira associada à tradição europeia; a segunda ao *jazz* enquanto síndrome de regressão civilizacional. Nesse sentido, desafiava convenções. É certo que não se compara com figuras como George Gershwin em matéria de aproximação dos dois universos, mas o seu contributo não foi despreciando. Em 1936, apresentara no Imperial Theater de Nova Iorque *Interlúdio em Si Bemol*, uma peça para clarinete, quarteto de cordas e secção rítmica que juntava a música de câmara clássica com a improvisação jazzística. Tocou Mozart, Debussy e Ravel. Juntava frequentemente uma secção de cordas às suas bandas de *jazz*, algo incomum naquela época. O *Concerto para Clarinete* é representativo disso mesmo – também pela repercussão que teve. Foi prontamente editado em disco pela RCA Victor, ainda em 1940, e consequentemente fixado em partitura. Contornada a improvisação, tornou-se, assim, uma peça de repertório tocada por orquestras e clarinetistas em todo o mundo.

Não se trata, no entanto, de um concerto convencional do qual se espera o confronto ostensivo entre solista e orquestra, três andamentos separados – o primeiro em forma Sonata, o segundo lento e expressivo e o terceiro em forma Rondó – e as tradicionais cadências solísticas. Neste caso, o concerto é tocado num só fôlego, sem interrupções, não deixando de cumprir a sequência tripartida de tempos rápido-lento-rápido. É precisamente a variação de tempos que cria os contrastes mais impressionantes ao longo da peça. Começa com uma introdução lenta que prepara o ritmo característico do *boogie-woogie*, sempre coroado pelos sopros metais. Após uma cadência de cariz dramático, a bateria e o clarinete enredam-se num registo de conversação que conduz a uma nova intervenção da orquestra e ao clímax da obra. A cadência final coloca o solista uma vez mais à prova, com técnicas características do *jazz*, tais como o vibrato, glissandos, desvios controlados da altura das notas e, sobretudo, o registo agudo do instrumento, uma dificuldade técnica reservada para os clarinetistas mais virtuosos.

## AS DANÇA SINFÓNICAS DE WEST SIDE STORY

Leonard Bernstein era um contador de histórias. Como alegoria, esta expressão ajuda a retratar a personalidade temperamental de um dos músicos norte-americanos mais fascinantes do século passado. Maestro, Compositor, Pedagogo, Comunicador Mediático e Ativista Social, distingue-se igual grandeza, paixão, humanismo e aptidão artística em tudo o que fez. Por isso, podemos também buscar a quinta essência do seu legado nas *Danças Sinfónicas*, uma sùmula orquestral do célebre musical *West Side Story*, estreado em palco em 1957 e recriado em cinema quatro anos mais tarde.

Ensaiado em Washington e em Filadélfia, o musical *West Side Story* estreou no Winter Garden Theatre da Broadway uma combinação virtuosa de drama e entretenimento. A música desempenha aí um papel substantivo no desenrolar da ação, participando nas dinâmicas teatrais e caracterizando contextos e personagens. O enredo é uma recriação livre da tragédia *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, e desenrola-se em torno da história amorosa vivida por dois jovens pertencentes a *gangs* rivais de Manhattan, os Jets (brancos do Bronx) e os Sharks (porto-riquenhos).

Para melhor compreender o projeto, é importante lembrar que, na década de 1950, houve uma forte vaga de imigração de porto-riquenhos para os EUA. Estava na ordem do dia a condição das comunidades hispânicas no contexto das mudanças culturais do pós-guerra. Bernstein era filho de imigrantes judeus ucranianos. De natureza inquieta, questionava-se sobre os horrores do Holocausto, mas também de Hiroshima e sobre os Direitos Civis nos EUA. Juntamente com Stephen Sondheim (letras) e Arthur Laurents (libreto), em *West Side Story*, enfrentou com desassombro questões sociais tão melindrosas como os conflitos étnicos, a imigração e a própria identidade norte-americana. A transfiguração da história de *Romeu e Julieta* era, portanto, um apelo à tolerância racial. Isso não relega a música para segundo plano – antes pelo contrário –, mas é importante compreender que, nas mãos de Bernstein, ela não é um fim em si mesma. A música é instrumental no quadro de uma mundividência humanista; dela provém a irreverência de quem desmonta as formalidades e as reverências da tradição musical clássica europeia. Também a ousadia de acrescentar «dissonâncias» à espiritualidade da Broadway. É este ecletismo que lhe permitia sobrepor com à vontade a sofisticação e o mundano.

Assim acontece nas *Danças Sinfónicas* que estrearam em 1961 no Carnegie Hall. São nove peças que formam um todo orgânico e autónomo com motivos recorrentes. Dispensam, inclusivamente, algumas das melodias mais populares

do espetáculo, tais como *America* ou *I Feel Pretty*, para dar relevo às danças e aos momentos instrumentais. Ampliam-se agora as texturas sonoras, mais corpulentas do que na orquestração original, a qual contava somente com vinte e nove músicos – e não incluía sequer violas. Bernstein tinha formação em orquestração e já completara anteriormente duas sinfonias. Porém, nesta matéria, foi assistido por Sid Ramin e por Irwin Kostal ao longo de todo o processo, tendo à disposição uma orquestra de dimensão sinfónica.

De maneira a garantir a fluência que se exige a uma peça de concerto, a sequência não respeita estritamente a ordem do libreto, mas mantém a essência dramática. A nova partitura também torna mais evidente a aproximação de estilos musicais tão distintos como o *jazz*, os ritmos de dança latinos, a tradição sinfónica e o teatro musical. Preserva a importância do célebre tritono, o intervalo do diabo que requer sempre resolução e vinca toda a tensão dramática de *West Side Story*.

O Prólogo ilustra musicalmente o conflito entre os dois *gangs*. Às primeiras três notas, podemos chamar «motivo da discórdia». Por entre acentuações contundentes, distingue-se bastante bem o tema melódico do *gang* do Bronx sobreposto a uma valsa pouco vienense. A dada altura, desponta a sonoridade do *bebop* por entre a azáfama orquestral. Na segunda peça, *Somewhere* evoca os desejos visionários de Maria e Tony por uma convivência pacífica. Um solo de viola introduz o tema melódico ao qual respondem a flauta, o violino e demais instrumentos. Dominam as cordas, mas há lugar a vários solos. O *Scherzo* prossegue no mundo de sonhos. Derrubam-se muros e os *gangs* convivem a céu aberto. Ao estilo de Copland, recupera traços da melodia de *Somewhere*. Regressamos depois ao mundo real, onde os ritmos vigorosos do *mambo* ilustram o confronto. É feita a primeira alusão aos *Sharks*, com danças latinas cuja sonoridade era familiar de *big bands* como as de Dizzy Gillespie, à semelhança do *cha-cha-cha*, surgido no momento em que Tony e Maria se conhecem e dançam juntos pela primeira vez (Romeu e Julieta). Na *Meeting Scene* revela-se a atração mútua. A célebre canção *Maria* expande-se e reinventa-se. A tensão do enredo instala-se em *Cool-Fugue*, ao ritmo do *swing*. O conflito irrompe em *Rumble*, quando os líderes de ambos os *gangs* morrem. Tony mata o irmão de Maria (Bernardo) depois de este ter morto o seu melhor amigo. A energia frenética deste andamento ilustra a luta. Há ainda tempo para uma cadência a solo na flauta que convida à reflexão sobre o desfecho trágico. O *Finale* espalha-se numa melodia pungente em ritmo processional. Esta reminiscência de *Somewhere* encerra a suíte de maneira interrogativa.





©Tomás Silva

## Pedro Moreira Compositor

Saxofonista, compositor, maestro, nasceu em 1969, em Lisboa. É licenciado em jazz pela New School University e mestre em composição pelo Mannes College of Music, em Nova Iorque. Atuou com o seu grupo em vários locais e festivais portugueses, bem como em vários países da Europa, América e África. Colaborou também com os grupos de Bruno Santos, Nelson Cascais, André Fernandes, Zé Eduardo, entre outros.

Dirigiu a Big Band do Hot Clube de Portugal, a European Youth Jazz Orchestra, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a OrquestraUtopica, a Orquestra do Algarve, a Orquestra Angra jazz, o Ensemble Moderno do Conservatório Nacional e a Orquestra de Jazz do Conservatório da Madeira.

A sua música foi interpretada pela Orquestra de Jazz de Matosinhos, pela Orquestra Sinfónica da Casa da Música do Porto, pela Orquestra Sinfónica Portuguesa, pelo Quarteto de Saxofones Apollo, pelo Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e pelo Grupo de Percussão Drumming.

Compõe para vários grupos de jazz e de música erudita, assim como para teatro, tendo colaborado com Marco Martins, Beatriz Batarda e outros. Como arranjador e/ou produtor musical, trabalhou com artistas como Camané,

Pedro Abrunhosa, Cristina Branco, Milton Nascimento, António Zambujo, Sílvia Perez Cruz, Rodrigo Leão, Xutos & Pontapés, GNR e muitos outros. É docente na Escola Superior de Música de Lisboa, da qual foi diretor, assim como coordenador da variante de jazz. Lecionou igualmente no Conservatório Nacional. Foi diretor pedagógico da escola Luiz Villas-Boas do Hot Clube de Portugal.



©Jorge Velez

## Nuno Silva Clarinete

Detentor de um percurso artístico de referência nacional, Nuno Silva goza também de assinalável destaque a nível internacional. Tem assumido uma dupla carreira enquanto músico e professor, com apresentações regulares em Portugal e no estrangeiro. É frequentemente convidado para se apresentar no Congresso Mundial do Clarinete, tendo atuado nas edições realizadas em Atlanta, Vancouver, Porto, Los Angeles, Assis, Madrid, Orlando e Ostende. Neste último, apresentou-se no Concerto de Gala interpretando o *Concerto de Artie Shaw* com a Banda Sinfónica da Marinha Belga. Em 2018, tocou o concerto de Magnus Lindberg, tendo sido o primeiro clarinetista a fazê-lo sob a direção do compositor. Como

professor, tem orientado *masterclasses* por todo o mundo, particularmente em Espanha, Bélgica, Brasil, E.U.A., China, Austrália e Suíça, onde, em 2018, foi professor convidado da Haute École de Musique de Genève. A sua crescente notoriedade tem-lhe proporcionado convites para integrar júris de concursos internacionais de clarinete de grande relevo, entre os quais se destacam os de Lisboa, Mercadante, Carlino, São Paulo, Gante e Genebra.

A sua discografia inclui o *Concerto N.º 2* de C. M. v. Weber com a Nova Filarmonia Portuguesa; obras de M. Dorsam com o Quinteto Mistral; *Percursos* e *LX1988* com o Quarteto de Clarinetes de Lisboa; *SWING.PT*, a solo com a Banda Sinfónica do Exército; e *Live Performances*, a solo com a Orquestra Metropolitana de Lisboa. Em 2020 publicou o livro *Clarinete.PT*.

Artista das marcas Buffet Crampon, Vandoren e Silverstein, Nuno Silva estudou com António Saiote, Hans Deinzer, Pascal Moragués e Hakan Rosengren. É diplomado pela ESMAE, pela Universidade Nova de Lisboa (Ciências Musicais) e pela California State University, onde obteve um mestrado com classificação máxima a todas as disciplinas. Estes resultados académicos valeram-lhe o convite para se tornar membro da prestigiosa organização americana Phi Kappa Phi Honors Society. Em 2013, foi-lhe atribuído o «Estatuto de Especialista», e, em 2017, foi-lhe conferido o Grau de Doutor com distinção na Universidade de Évora. Foi vencedor dos mais importantes concursos nacionais, incluindo o 1.º Prémio de Clarinete e de Música de Câmara no Prémio Jovens Músicos 1991. Foi também distinguido em concursos internacionais, designadamente no Valentino Bucchi (Roma, 1992), no Aurelian Popa (Roménia, 1993; Cracóvia, 1994) e no Concert Artists Guild (Nova Iorque, 2002).

Nuno Silva é solista principal da Orquestra Metropolitana de Lisboa e professor na Academia Nacional Superior de Orquestra.

É também membro fundador do Quarteto de Clarinetes de Lisboa, que celebrou 30 anos de atividade em 2018, sendo o quarteto mais antigo do mundo. Em 2003, a Câmara Municipal do Seixal atribuiu-lhe a medalha de mérito cultural e a sua biografia foi citada na revista VISÃO como «um percurso digno de orgulho nacional». A sua biografia consta do livro de Gianluca Campagnolo, *Great Clarinetists*.



© Isaac\_Paniza

## Christian Vázquez Maestro

Reconhecido pelo seu carisma em palco e interpretações poderosas, Christian Vázquez continua a atrair a atenção internacional, destacando-se como um dos maestros venezuelanos mais requisitados da atualidade. Em 2013, assumiu o cargo de Diretor Musical da Orquestra Sinfónica de Stavanger, função que desempenhou até 2019. Na temporada 2015/2016, Vázquez atuou como Maestro Principal Convidado da Orquestra Sinfónica de Arnhem, cargo que manteve até 2019. Foi também Diretor Musical da Orquestra Juvenil Teresa Carreño da Venezuela, com a qual realizou digressões pela Europa e Ásia, além de ser nomeado Maestro Principal Convidado da Orquestra Sinfónica de Gävle. Vázquez dirigiu orquestras como

a Sinfónica Simón Bolívar, a Gewandhausorchester Leipzig, a Philharmonia Orchestra, a Rádio Sinfónica de Viena, a Camerata Salzburgo, a Sinfónica Estatal da Rússia, a Filarmónica de Berlim, a Filarmónica de Helsínquia, a Filarmónica de Tóquio, a Sinfónica de Singapura, a Filarmónica de Los Angeles, a Filarmónica de Israel, a Filarmónica Rádio Saarbrücken Kaiserslautern, a Konzerthausorchester de Berlim, a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, a Filarmónica de Rádio França, a Sinfónica Nacional da Bélgica e a Ópera Nacional da Noruega, onde dirigiu Carmen, de Bizet. Os seus próximos concertos incluem atuações com a Filarmónica de Los Angeles, a Orquestra de Valência, a Sinfónica Nacional da Costa Rica, a Orquestra da Comunidade de Madrid, a Orquestra Estável do Teatro Colón, a Sinfónica Padeloup e a Orquestra Metropolitana de Lisboa. Recentemente, Vásquez colaborou com Gustavo Dudamel na Ópera de Paris na produção de Tristão e Isolda e atuou com a Escola de Ballet da Ópera de Paris na Ópera Garnier. Além disso, dirigiu a Sinfónica de Tucson, a Sinfónica de Tenerife, a Sinfónica da Galiza e a Sinfónica da Região de Múrcia.



© Marcelo Albuquerque

## ORQUESTRA SINFÓNICA METROPOLITANA

Espelho da singularidade do projeto artístico e pedagógico da Metropolitana, a Orquestra Sinfónica Metropolitana (OSM) é constituída pelos músicos da Orquestra Metropolitana de Lisboa e por grande parte dos alunos da ANSO, ou seja, pela Orquestra Académica Metropolitana. Deste modo, os jovens músicos em fase final de formação têm a oportunidade de interpretar repertório de referência com maestros e solistas prestigiados, bem como de partilhar estantes com os seus professores. Entre os maestros e solistas contam-se, entre muitos outros, os nomes de Michael Zilm, Emilio Pomarico, Sequeira Costa, Rafael Oleg, Stephan Loges, Artur Pizarro e António Rosado. Desde 1995, a OSM apresentou-se em mais de uma centena de concertos nas mais importantes salas do nosso país. Foram interpretadas sinfonias de Brahms em 1995 e 1996, a *Sinfonia do Novo Mundo* de Dvořák em 1997; a *Patética* de Tchaikovsky em 1999; a 2.<sup>a</sup> *Sinfonia* de Rachmaninov em 2000; *Assim Falou Zaratustra* e *Macbeth* de Richard Strauss em 2001; a sinfonia *À Pátria* de Viana da Mota em 2003; a *Scheherazade* de Rimsky-Korsakov em 2005; e, desde então, a *Sinfonia Fantástica* de Berlioz, as 10.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup> *Sinfonias* de Shostakovich, as 1.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> *Sinfonias* de Mahler; as 4.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup> de Bruckner; o *Bolero* de Ravel; *La Mer* de Debussy; *Carmina Burana* de Orff; a *Missa Solemnis* de Beethoven e a *Sinfonia Dante* de Liszt.

# ORQUESTRA SINFÓNICA METROPOLITANA

## FLAUTAS

Nuno Inácio  
Sofia Duarte <sup>1</sup>  
Janete Santos  
Martin Ricardo <sup>1</sup>  
Alexandra Borges <sup>1</sup>

## OBOÉS

Sally Dean  
Elia Nyagu <sup>2</sup>  
Carla Pereira

## CLARINETES

Jorge Camacho  
Eduardo Laranjeira <sup>1</sup>  
Matilde Costa <sup>1</sup>  
Sara Rocha <sup>1</sup>  
Guilherme Sousa <sup>1</sup>  
Tiago Mourato <sup>1</sup>

## SAXOFONES

Bernardo Fraga <sup>3</sup>  
Miguel Santos <sup>3</sup>  
Hernâni Almeida <sup>2</sup>  
Pedro Dinis Leitão <sup>3</sup>

## FAGOTES

Lurdes Carneiro  
Sofia Fernandes <sup>1</sup>  
Rafaela Oliveira

## TROMPAS

Daniel Canas  
Jérôme Arnouf  
João Almeida <sup>1</sup>  
Guilherme Lopes <sup>1</sup>  
Ivan Branco <sup>2</sup>

## TROMPETES

Sérgio Charrinho  
João Moreira  
Henrique Brites <sup>1</sup>  
Leonel Cardoso <sup>1</sup>  
Tomás Almeida <sup>1</sup>  
Guilherme Guia <sup>1</sup>

## TROMBONES

Rui Fernandes <sup>2</sup>  
Paulo Alves <sup>2</sup>  
Guilherme Duarte <sup>2</sup>

## TUBA

Adélio Carneiro <sup>2</sup>

## TÍMPANOS

Miguel Herrera <sup>2</sup>

## PERCUSSÃO

Rodrigo Azevedo  
Marco Fernandes <sup>2</sup>  
Bernardo Ramos <sup>1</sup>  
Miguel Almeida <sup>1</sup>

## BANJO/GUITARRA

Tomás Duarte <sup>2</sup>

## HARPA

Catarina Malcata Rebelo <sup>2</sup>

## PIANO/CELESTA

David Alves <sup>1</sup>  
Joana Mestre <sup>1</sup>

## PRIMEIROS VIOLINOS

Ana Pereira *concertino*  
José Pereira  
Nuno Rodrigues  
Francisco Russo <sup>1</sup>  
Matilde Gonçalves <sup>1</sup>  
Alexei Tolpygo  
Tolga Kulak  
Gonçalo Duarte <sup>1</sup>  
Lyza Valdman <sup>2</sup>  
Tomás Silva <sup>1</sup>

## SEGUNDOS VIOLINOS

Ágnes Sárosi  
José Teixeira  
Anzhela Akopyan  
Isabel Barroso <sup>1</sup>  
Eduardo Moreira <sup>1</sup>  
Daniela Radu  
Catarina Lobo <sup>2</sup>  
Maria Luís <sup>1</sup>  
Maria João Fernandes <sup>1</sup>  
Diego Rocha <sup>1</sup>

## VIOLAS

Joana Cipriano  
José Freitas  
Sérgio Sousa  
Mara Alves <sup>1</sup>  
Maria Bugalho <sup>1</sup>  
Leonor Fleming  
Andrei Ratnikov  
Juliana Lopes <sup>2</sup>

## VIOLONCELOS

Nuno Abreu  
Catarina Gonçalves  
Jian Hong  
Ana Carolina Rodrigues <sup>2</sup>  
Alessio Cunha <sup>2</sup>  
Ana Cláudia Serrão

## CONTRABAIXOS

Ercole de Conca  
Vladimir Kouznetsov  
Margarida Afonso <sup>2</sup>  
Guilherme Reis <sup>2</sup>

1 – ALUNO/A ANSO

2 – CONVIDADO/A

3 – ALUNO/A EPM

# METROPOLITANA

Diretor executivo **Miguel Honrado**  
Diretor artístico **Pedro Neves**  
Diretor pedagógico **Rui Mirra**  
Diretora administrativa e financeira  
**Fátima Angélico**

[www.metropolitana.pt](http://www.metropolitana.pt)  
[facebook.com/metropolitanalx](https://facebook.com/metropolitanalx)  
Travessa da Galé 36, Junqueira  
1349-028 Lisboa, Tel.: (+351) 213 617 320

## FUNDADORES



Ministério da Cultura,  
Juventude e Desporto  
Ministério da Educação,  
Ciência e Inovação

Ministério do Trabalho,  
Solidariedade e Segurança Social  
Secretaria de Estado do Turismo,  
Comércio e Serviços

## COM O APOIO



## PROMOTORES

Câmara Municipal de Caldas da Rainha  
Câmara Municipal de Lourinhã  
Câmara Municipal do Montijo  
Câmara Municipal de Setúbal

## PARCEIROS

Câmara Municipal do Barreiro  
Câmara Municipal de Loures  
Câmara Municipal do Seixal



## PATROCINADOR BOLSAS DE ESTUDO ANSO

## PARCEIROS MEDIA



## PATROCINADOR PRINCIPAL

**SANTA CASA**  
Misericórdia de Lisboa

## PATROCINADORES



**GIRODMÉDIAS<sup>PT</sup>**

## PARCERIAS

Fundação José Saramago  
Casa da América Latina  
Instituto de Higiene e Medicina Tropical  
Cultivarte - Encontro Internacional de  
Clarinete de Lisboa

CMS Law  
Instituto Superior de Economia e Gestão  
Casa Fernando Pessoa  
Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva  
Secretaria-Geral da Educação

Fundação Oriente  
Academia das Ciências de Lisboa  
Museu Nacional dos Coches  
Museu Nacional da Música  
Junta de Freguesia de Alcântara



# **SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB**

**FIQUE A PAR DE TODA A NOSSA PROGRAMAÇÃO  
E ATIVIDADES EM PRIMEIRA MÃO!**

**[ccb.pt/newsletter](https://ccb.pt/newsletter)**





JÁ A SEGUIR

ORQUESTRA

**O DELÍRIO AMOROSO DE HANDEL**

**GABETTA CONSORT E SAMUEL MARIÑO**

Amor, loucura, paixão — neste programa encantador, a estrela em ascensão Samuel Mariño e o Gabetta Consort conduzem-nos numa viagem pelas paisagens delirantes do amor barroco.

Sob a direção do grande virtuoso Andrés Gabetta, o *ensemble* interpreta peças instrumentais magistralmente elaboradas, que se fundem com árias apaixonadas num diálogo emotivo.

O programa reúne o extraordinário concerto *Grosso Mogul*, no qual a escrita brilhante de Vivaldi evidencia a técnica espetacular de Gabetta, e a cantata dramática de Handel, *O delírio amoroso*, uma história intemporal sobre o poder do amor para transcender todas as barreiras.

Através de uma abordagem historicamente informada e tecnicamente irrepreensível, Mariño e Gabetta insuflam nova vida a estas mensagens eternas de paixão e desejo, fazendo-as ressoar com a mesma força hoje como há três séculos.

Uma noite extraordinária de virtuosismo e emoção no espírito vibrante do Barroco italiano.

**17 NOVEMBRO**

Segunda-Feira, 20h

Grande Auditório

+6

# Uma Cidade. Um Museu. Tantos Palcos.

One City. One Museum. So many Stages.

**Entrada gratuita** Free admission

## MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura

MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

**30% desconto** 30% discount

**Espetáculos CCB** CCB Performing Arts

**Estacionamento Gratuito** Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

**Convite para um espetáculo** Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

**Desconto** Discount

**Lojas e Restaurantes CCB**

CCB Stores and Restaurants

**Newsletters exclusivas**

Exclusive Newsletters



## Cartão CCB

Descubra as vantagens em [ccb.pt/cartao](http://ccb.pt/cartao)

Discover the advantages at [ccb.pt/cartao](http://ccb.pt/cartao)

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA



PARCEIRO DE IMAGEM  
E MULTIMÉDIA



APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA  
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA



PARCEIRO PARA A  
SUSTENTABILIDADE

